

Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua)

Valdir do Nascimento Flores*



Resumo – Objetiva-se, com este texto, apresentar argumentos que permitam ver no conjunto da obra de Émile Benveniste elementos que integram um sistema de pensamento. Tal sistema de pensamento está na dependência de uma rede complexa de relações que constituem a noção de língua na obra do autor. Percebe-se, na amplitude de sua obra, diferentes interesses: (a) pelos diferentes enfoques da língua em seus aspectos gerais, enunciativos, comparatistas, entre outros; (b) pelas estruturas linguísticas – sintáticas, fonológicas, morfológicas-; (c) pela língua em relação com a antropologia, a cultura, a psicanálise, a filosofia, etc. Assim, defende-se a hipótese de que todos esses trabalhos – que dão lugar a tantas abordagens – têm em comum o fato de estarem ancorados em concepções com amplitude suficiente para fundamentar a perspectiva de uma interdisciplinaridade que pode ser, em última instância, calcada na idéia de língua. Em suma, busca-se lançar as bases de uma pesquisa que objetiva derivar um conceito de língua que permita abordar o que, neste momento, será nomeado como a singularidade do repetível na sua relação com o sintoma na linguagem.

O título deste artigo faz referência a dois textos de Roland Barthes que estão reunidos no excelente *O rumor da língua* e foram escritos respectivamente em 1966 e em 1974, por ocasião da publicação de *Problemas de linguística geral I* (PLGI) e *Problemas de linguística geral II* (PLGII) de Émile Benveniste. Tais artigos estão no livro de Barthes (1984) sob o título *Por que gosto de Benveniste* (sem a in-

* PPG – Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
e-mail: valdirmf@yahoo.com.br

terrogação) e, como o próprio enunciado sugere, expõem as razões que levam o seu autor a confessar simpatia por Benveniste.

Para alguns, a primeira impressão causada por essa menção confessa pode ser a de parecer pretensioso tentar equiparar este ensaio àqueles em que, em estilo singular, Barthes manifesta parte da eloquência que o consagrou como um dos mais notáveis pensadores de nossa época. A obra de Barthes é razão de deslumbramentos e sua escritura desfruta da rara simultaneidade do primor teórico com a sensibilidade literária, apenas conferida aos pensadores fundantes. Para desfazer o efeito de uma comparação que seria, indubitavelmente, descabida, adianto que apenas imputarei a Barthes a origem de minha vontade em reler Benveniste de um ponto de vista menos comprometido com a “verdade que se diz sempre” e mais preocupado com o que tem sido esquecido por muitos. Em outros termos, a releitura que passarei a apresentar não é diretamente derivada das reflexões de Barthes (talvez realmente seja pretensão dizer o contrário), embora, acredito, esteja muito próxima do que ele sugere.

Para começar, e faço-o diferentemente de Barthes, proponho como título uma pergunta. Não se trata, porém, de dar um depoimento pessoal acerca dos motivos que me levam a gostar de Benveniste, o que seria de total irrelevância teórica. Quanto a isso não faço mais que avisar: considero-o um dos lingüistas mais interessantes do século XX. Meu propósito aqui é outro: trata-se de reler Benveniste no momento em que a lingüística ressent-se de uma proliferação de métodos e objetos que requerem para si o estatuto de ciência.

Benveniste é considerado o *lingüista da enunciação* e, conseqüentemente, o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação*. Mas o que significam esses rótulos? Quanto ao primeiro, parece haver certa unanimidade na literatura especializada. A Benveniste, de uma forma ou de outra, assim se referem Ducrot e Todorov (1988) e Dosse (1994), apenas para citar obras que contêm alguma informação de cunho histórico. Quanto ao segundo rótulo, é sabido que sua aplicação não é restrita aos trabalhos de Benveniste e os autores supracitados, evidentemente, não ignoram isso. Ducrot & Todorov, por exemplo, fazem referências explícitas a Bally, a Jakobson e a Bakhtin quando tratam dos fenômenos da dêixis e da enunciação em pelo menos dois dos verbetes do *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem* (cf. “Enunciação”, p. 289, e “Referência”, p. 229).

Vale lembrar, porém, que a *teoria da enunciação* (e talvez, nesse caso, fosse melhor falar em *teorias*) ou a *Lingüística da Enunciação*

não definiu rigidamente o seu objeto, ao menos não com a precisão característica de outras perspectivas. Isso é justificável na medida em que ela ainda hoje sofre de uma hesitação apenas comum aos jovens. A juventude dos estudos de enunciação e a sua posição intervalar com relação aos princípios pensados por Saussure são as principais causas dessa hesitação.

No que tange especificamente aos trabalhos de Benveniste, de um lado, houve, até meados dos anos 60, um ensurdecimento dos teóricos para a enunciação devido à larga aceitação dos trabalhos estruturalistas oriundos de Hjelmslev e desenvolvidos na linha greimasiana, cujo princípio de imanência excluía a pertinência do sujeito e dos mecanismos de sua enunciação para a lingüística. De outro lado, a *Lingüística da Enunciação* foi, por muito tempo, emudecida pelo advento de teorias que a criticavam, principalmente, quanto à noção de sujeito que acreditavam estar a ela subjacente. Exemplo disso é a posição teórica presente na primeira e na segunda fases da Análise de Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux.

Em função disso é que considero pertinente voltar a ler Benveniste, porque talvez isso possa agora ser feito num contexto menos adverso, já que se esgotou a ortodoxia da imanência estruturalista e a Análise de Discurso sofreu ressignificações importantes que proporcionaram a recuperação das bases do pensamento de Pêcheux¹. Em outras palavras, meu objetivo, neste texto, é retomar o pensamento benvenistiano para tentar responder às seguintes questões: (a) que concepção de língua/linguagem as idéias de Benveniste podem auxiliar a construir? (b) O que tal concepção pode produzir de singular no contexto atual da reflexão em torno da língua/linguagem?

Muitos argumentariam que as questões que me conduzem são relativamente sem propósito, posto que tudo já fora dito. E as vozes que costumeiramente evocam a verdade e determinam o começo e o fim do que pode e deve ser dito afirmariam: Benveniste é um dos principais nomes da lingüística, mas não nos enganemos: encontra-se implicitamente em sua teoria um conceito idealista de sujeito, fonte e origem do sentido. E isso parece ser suficiente para que não nos interessemos por sua teoria, ao menos não além de poucos registros históricos.

¹ Para ver uma boa leitura da obra de Michel Pêcheux com uma visão adequada sobre a questão da enunciação consultar: TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Outros menos refratários diriam: Benveniste é um continuador de Saussure. Sua lingüística é tão estrutural quanto a de Saussure. Percebe-se, subjacentemente em sua obra, a presença de todas as dicotomias saussurianas, as quais são assumidas integralmente pelo autor. A prova disso é que Simom Bouquet, importante investigador da obra de Ferdinand de Saussure, apenas refere Benveniste em notas de rodapé (o índice de nomes de *Introdução à leitura de Saussure* registra cinco ocorrências) e, em todas, esforça-se para explicar que Benveniste não faz mais que ser um intérprete fiel das idéias do mestre genebrino, não sem antes ressaltar: “mesmo sem ter lido os textos originais” (Bouquet, 2000: p. 268). Até Claudine Normand, excelente leitora da obra benvenistiana, apresenta-a como uma constante oscilação entre *ultrapassar* ou *continuar* Saussure (Normand, 1996).

De minha parte, gostaria de registrar que, mesmo reconhecendo a legitimidade do que afirma Normand ou do que deixa de afirmar Bouquet, não acredito integralmente em nenhum desses posicionamentos. Ao contrário, penso que Benveniste produziu um pensamento absolutamente singular cuja complexidade está por ser avaliada e talvez ainda seja cedo para que possamos vê-lo com olhos menos impassíveis que os de Sirius. Tal complexidade somente poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo.

Por ora, não farei mais do que expor, a seguir, as razões que me conduzem a bucar uma via própria de leitura da obra de Benveniste. Chamo-as de “razões” porque tenho consciência da sua provisoriedade. Elas não poderiam de forma alguma ser consideradas argumentos, pois falta-lhes ainda o essencial: a explicitação do modo de produção dos conceitos, do funcionamento dos dispositivos teóricos construídos e da forma de construção ou refutação das hipóteses da teoria aos quais esses argumentos constituiriam um discurso, o epistemológico.

O leitor mais crítico poderá ainda dizer que o que proponho mais parecerá um enfadonho índice de assuntos acompanhado de um índice onomástico, poderá dizer também que, dado o incompleto do resultado, nem como índices deverão servir já que lhes faltariam o mínimo necessário, ou seja, a exaustividade. Ainda assim, rogo à benevolência do nobre leitor, para que eu possa expor os motivos que me levam a gostar de Benveniste. Passemos a isso.

É fato que Benveniste dialoga com a filosofia de seu tempo, provas disso são os textos apresentados em eventos de filosofia – como o clássico *A forma e o sentido na linguagem* – ou os dedicados

a questões de filosofia – como o *A filosofia analítica da linguagem* – e mesmo os interlocutores que teve – Paul Ricouer, Perelman entre outros. Seus textos citam Platão, Prisciano, Sófocles, Hipócrates, Aristófanos, apenas para citar esses.

Há os textos aos quais subjazem categorias hegelianas. Ora, se assim não fosse, como seria explicado o recurso a categorias como *contingência* e *necessidade*, presentes em *A natureza do signo lingüístico*? Há, principalmente, um kantianismo em Benveniste. Se assim não fosse, como entenderíamos a concepção de tempo em *A linguagem e a experiência humana*? E a afirmação presente em *A subjetividade na linguagem* de que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (PLG I, p. 286) como poderia ser vista se não como a expressão de um raciocínio cuja natureza evoca a desconstrução de um sujeito em si o que permite conhecê-lo apenas na realidade da língua-discurso?

Ora, que verdade esse sujeito evoca se não a da língua-discurso? Em outras palavras, o kantianismo aparece em Benveniste precisamente no momento em que há a recusa do em si. O sujeito não é uma coisa. Independentemente do lado de que se olhe, ele é uma condição formal para que o homem exista. Mas, para que exista como linguagem, porque opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza. O sujeito é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição. Eis o *a priori* radical de Benveniste. É bem isso que ele quis dizer ao afirmar que “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (PLG I, p. 285). É o movimento do discurso, para não dizer a *enunciação*, que recria indefinidamente o sujeito.

E ainda há mais em Benveniste: há os textos sobre a psicanálise, a sociologia, a antropologia, as teorias da cultura, a lógica, etc. Especificamente do lado da lingüística, é possível encontrar referências, além de a Saussure, a Chomsky, a Jakobson, a Trubetzkoy, a Sapir, a Bloomfield, a Harris, a Hjelmslev e a muitos outros. Sem querer escapar à já esperada crítica (Lembram? É a do índice onomástico), quero apenas salientar que as fontes de Émile Benveniste são muitas e que, através delas, o autor diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis da língua e de sua relação com outras áreas.

Se meu raciocínio está correto, ou seja, se há na obra de Benveniste o *a priori* de que o homem se constitui como sujeito na linguagem e a intersubjetividade é a condição da linguagem, então nenhum tema que tenha sido objeto de estudo do autor escaparia a isso, pois tal *a priori* teria valor primitivo. Mas subjetividade e intersubjetividade não são os únicos primitivos do sistema de pensamento benvenistiano. Há também sujeito, linguagem, enunciação, referência, entre outros, que são designações para conceitos que têm existência garantida apenas porque articulados a outros conceitos, portanto, também são primitivos. A prova disso é que determinadas proposições encontradas nos dois tomos de *Problemas de lingüística geral* constituem um conjunto (sistema de pensamento) cujos elementos (proposições) se pressupõem mutuamente.

Exemplos do que foi dito anteriormente não faltam. Observemos alguns empregos dos termos acima, retirados de PLG I e II: "A 'subjetividade' de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito" (PLG I, p. 286); "A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão, e o discurso provoca a emergência da subjetividade" (PLG I, p. 289); "[...] a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação lingüística" (PLG I, p. 293); "a referência é parte integrante da enunciação" (PLG II, p. 84)

Vale lembrar que o *Vocabulário das instituições indo-européias* parece não escapar a esse princípio. Basta ter em mente o texto do volume I, *O homem livre*, que analisa a noção de liberdade em latim, grego e germânico; penso ainda no capítulo cinco do mesmo volume, *Dádiva e troca*, que analisa as noções econômicas "dar", "trocar" e "comerciar" no vocabulário indo-europeu.

Acredito que o apresentado até agora é suficiente para cessar esta enumeração de razões e para explicar o pressuposto do título do artigo. Mas, por apreço ao esclarecimento das coisas, vale ainda um resumo: gosto de Benveniste porque, aos meus olhos, sua obra se configura em um sistema de pensamento que tem, no mínimo, três faces que se constituem reciprocamente como condição de existência de uma em relação a outra. Tais faces constroem um semblante que mira o limite do horizonte que é a linguagem.

Em primeiro lugar, Benveniste relaciona-se com todo o pensamento lingüístico de sua época e mesmo do passado. Nessa face encontram-se as reflexões lingüísticas *stricto sensu*, incluindo as comparatistas e, em especial, as referências à obra de Saussure. É esse lado da obra de Benveniste que permite listá-lo junto aos lin-

güistas mais notáveis de seu tempo. Nesse sentido, é possível dizer que o sistema de pensamento benvenistiano configura-se numa epistemologia, ou ainda que produziu uma epistemologia. Como Benveniste mesmo diria:

A epistemologia é a teoria do conhecimento. Como é adquirido este conhecimento, isto não está dito por antecipação. Há muitas possibilidades de epistemologia. A lingüística é uma epistemologia, pode-se considerá-la como tal (PLG II, p. 38).

Em segundo lugar, há um fazer interdisciplinar. É o diálogo teórico posto em prática. Talvez por esse prisma se possa afirmar que Benveniste produz em um terreno limítrofe que lhe permite falar de filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, cultura, etc. O interessante neste vértice do rosto equilátero que delineio é a possibilidade de pensar a linguagem – talvez fosse melhor dizer o simbólico – como uma dimensão constitutiva de toda produção humana. O sistema de pensamento benvenistiano configura-se, na sua segunda face, numa interdisciplinaridade das ciências do homem em que a linguagem tem papel fundamental. Em outras palavras: "É necessário grande capacidade de abstração e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos de que o homem é sede" (PLG II, p. 38).²

Finalmente o rosto se completa. É a face que instaura uma filosofia da linguagem. Trata-se de um jeito de ver a linguagem completamente diferente do vigente à época. Há a prospecção de uma nova lingüística: a da enunciação. Desnecessário dizer que sob a égide da terceira face está a reflexão comumente denominada pelo termo *Teoria da Enunciação*.

Na primeira face do que estou chamando de sistema de pensamento vislumbro a produção de uma epistemologia, na segunda face vejo desenhar-se uma interdisciplinaridade e penso que na terceira face esboça-se uma metafísica. Epistemologia, interdisciplinaridade e metafísica, eis a tríade que sustenta o sistema de pensamento benvenistiano. Ora, o três não é um número estranho ao autor. É o três que resume a condição, necessária e suficiente, para que a língua se instaure na enunciação, qual seja, a condição de que alguém fale (eu) para outro alguém (tu) de algo (ele).

² Ou como diz Benveniste em resposta a uma entrevista de Guy Dumur presente no PLG II: "Quando eu lhe dizia que nós vemos hoje esta espécie de convergência entre várias ciências, é para sublinhar que se reencontram as mesmas articulações nas noções tais como as configuram certos espíritos que não tinham certamente em vista as categorias lingüísticas. É esta convergência que é interessante e que se torna um novo problema para nós" (PLG II, p. 39).

Poder-se-ia recusar o que expus a partir de duas posições: (a) que questiona a legitimidade da tripartição. Vejo nesse primeiro contra-argumento uma clivagem. Há (a.1), em que, sob alegação da opacidade dos conceitos subsumidos pelos termos, são contestadas as concepções teóricas que sustentam a tripartição. Nesse caso, não sem razão, perguntar-se-ia: em que sentido são empregados os termos epistemologia, interdisciplinaridade e metafísica? Há também (a.2), em que é tomado como alvo de dúvida o conteúdo integrante de cada face. Aqui, caberia indagar: admitindo-se a existência das três faces, por que seriam elas constituídas por esses e não por outros conteúdos?

A segunda posição, decorrência direta do tipo da(s) resposta(s) dada(s) a cada item da anterior, questiona a relação presumida entre as três faces. Isso poderia receber a forma da seguinte pergunta: o que demonstra a alegada indissociabilidade das faces?

Evidentemente, um ensaio dessa natureza não comporta pormenores de ordem epistêmica, no entanto, isso não exige aquele que escreve de se justificar por escrever. A seguir, listo as justificativas sem, contudo, desenvolvê-las no escopo deste texto. Apenas saliento que as próximas observações integram o esboço de um programa de pesquisa³ em desenvolvimento.

Quanto à primeira crítica, o que posso dizer nesse momento é que estou chamando de epistemologia o “estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica (não psicológica), o seu valor e a sua importância objetiva” (Lalande, 1996, p. 313). Em outras palavras, tomo o termo *epistemologia* no sentido de estudo que implica um olhar *a posteriori* da diversidade das ciências e dos objetos. Conscientemente, sei da insuficiência do que acabei de dizer, porém, por ora, acredito ser suficiente anunciar que a epistemologia visada para um programa de pesquisa oriundo do sistema de pensamento benvenistiano, é a da escola de Alexandre Koyré.⁴

³ Tal programa de pesquisa está vinculado a alguns dos objetivos do projeto de pesquisa *Linguística e o sintoma da/na linguagem: a instância da falha na fala* que desenvolvo junto à UFRGS. A execução deste projeto é feita por uma equipe de pesquisadores, oriundos de diferentes áreas, que, sob a minha coordenação, busca na linguística estrutural e na psicanálise freudo-lacaniana elementos para a abordagem do sintoma da/na linguagem na clínica de linguagem. Como será mostrado, no final deste texto, estou reunindo argumentos para, desde Benveniste, estabelecer uma forma de viabilizar a inscrição da clínica de linguagem em uma teoria linguística que lhe seja própria. Isso deverá ficar mais claro adiante.

⁴ Encontra-se em Koyré a tese de que é necessário renunciar a uma história imanente das ciências para pensá-la integrada às concepções religiosas e mentais de uma determinada época. Assim, a história das ciências estaria à forma como as ciências se relacionavam com o que as precedia e com o que as acompanhava. Cf. KOYRÉ, A. *Du monde clos à l'univers infini*. Paris: PUF, 1962.

Para falar da segunda face, tomo interdisciplinaridade no sentido, ainda a ser especificado, atribuído por Schäffer (1995) como aquilo que “por sua própria natureza, [...] não é propriedade do discurso de alguma disciplina específica, bem como não tem nenhuma localização espacial – é antes uma metáfora espacial” (p. 35). Acrescenta a autora “[...] ela não é um fim em si mesmo; não é justaposição de saberes; não se constitui como uma nova disciplina; não tem onde se ancorar; não representa a recuperação de um saber absoluto; não é a dedução lógica das ciências a partir de um princípio único e, finalmente, não é princípio de homogeneização e nem de consenso” (Idem, p. 48). É a partir do “não” fundante da tomada interdisciplinar do saber que proponho ver a segunda proposição do sistema de pensamento de Benveniste⁵.

A metafísica, tomo-a no sentido kantiano do termo, como “conjunto dos conhecimentos que se extraem apenas da razão, quer dizer, da faculdade de conhecer *a priori* por conceitos, sem fazer apelo nem a dados da experiência, nem às intuições de tempo e espaço” (Lalande, 1996, p. 670). Ou seja, é permitido, com isso, formular *a priori* as condições de existência fenomenal.⁶ Em resumo, as três faces encontram abrigo nas expressões *a posteriori*, *interdisciplinaridade* e *a priori*.

Com relação a (a.2), penso que é sempre possível, quando se toma a produção teórica de um autor como *corpus*, abordá-lo através de outros prismas. Assim procede Claudine Normand – na apresentação de *Émile Benveniste vingt ans après* – ao falar das três leituras verificadas – comparatista, estruturalista, enunciativa – quando do *Colóquio* de Cerisy, em 1997. De qualquer forma, creio na possibilidade de justificar os recortes por mim feitos relativamente ao *corpus*.

Quanto à crítica presente na segunda posição, para torná-la sem efeito, radicalizo o princípio ao qual ela se dirige, qual seja, o da indissociabilidade das três faces – epistemologia, interdiscipli-

⁵ Encontra-se em Schäffer as condições de possibilidade disso: “a partir desses ‘não é’, talvez se poderia dizer que a ID (interdisciplinaridade) tem sentido em sua relação com o real, como um recurso da inteligência; como um aprofundamento de diferenças; como um fenômeno contraditório e múltiplo; como recuperação histórica das disciplinas; como confronto de diferentes visões para auto-esclarecimento sobre as próprias condições de questionamento e, finalmente, como um espaço aberto, múltiplo, de discussão da problemática científica contemporânea, projetando-se no ideal de uma tecnologia mais humana” (Schäffer: 1995, p. 48).

⁶ Cf. KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (col. Os Pensadores). Em especial, “Prefácio à segunda edição”; “Introdução”; “Doutrina Transcendental do método”. Ver também: CAYGILL, Howard *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. (Em especial os verbetes: Metafísica, Cosmologia, Ontologia, Psicologia, Teologia, Transcendental.)

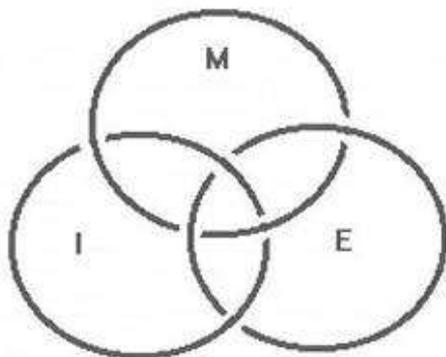
naridade, metafísica – a ponto de atribuir-lhe a propriedade borromeana que Lacan evoca para explicar a nodulação R S I. Evidentemente, não vejo nas faces do sistema de pensamento benvenistiano equivalência com o que Lacan chama de nodulação RSI. Meu objetivo é apenas utilizar a idéia de indissociabilidade do nó borromeano para ilustrar a articulação entre as três faces.

Como se sabe, um nó borromeano é aquele cuja propriedade essencial está ligada ao fato de que o corte de um dos círculos que o constitui libera todos os outros. Assim, as relações entre epistemologia, interdisciplinaridade e metafísica podem ser vistas na totalidade sem que, com isso, se disperse o que de cada uma está implicado na simultaneidade.

Se, para fins didáticos, forem substituídas as faces do nó por um sistema notacionai específico, pode-se vislumbrar o que estou procurando esboçar. Nesta representação, E, I, M representam, respectivamente, epistemologia, interdisciplinaridade e metafísica; o traço (-) significa uma relação mista indicadora de conteúdo/continente; o ponto-e-vírgula (;), simultaneidade e os colchetes ([]), a propriedade de constituir conjunto e/ou subconjunto. A partir disso, têm-se, no mínimo, as seguintes relações cujo anolamento chamo de sistema de pensamento, representado por { S p }:

- 1) [[E - I]; [E - M]]
 - 2) [[I - E]; [I - M]]
 - 3) [[M - I]; [M - E]]
- { S p }

Utilizando-se a representação do nó, tem-se:



O nó – o conjunto {Sp} – é signo do sistema de pensamento benvenistiano porque o evoca na dimensão da indissociabilidade.

Em (1), esboça-se uma epistemologia desde a suposição de que a linguagem está em relação com áreas conexas e desde a metafísica da linguagem. É isso que permitem visualizar textos como os presentes nos capítulos 1, 2 e 3 de PLG I, entre outros. Em (2), impõe-se um fazer interdisciplinar desde uma epistemologia própria e da suposição de que a linguagem é essencialmente intersubjetiva. Em (3), a metafísica da linguagem é, ela mesma, condição da interdisciplinaridade e possibilidade da epistemologia benvenistiano. Interessante observar, nesse caso, que a metafísica baliza uma nova epistemologia: a da lingüística da enunciação. Isso poderia ser representado por um subconjunto de (3).

Eis a propriedade borromeana: é possível ver as faces separadamente, mas somente juntas é que produzem {S p}, o nó. Em outros termos, não há texto na obra de Benveniste que se circunscreva a apenas uma das faces, mas, ao contrário disso, um mesmo texto de Benveniste contera as três. Isso é diametralmente oposto a considerações que dividem a obra de Benveniste em “momentos temáticos”: textos de enunciação/ de retomada de Saussure/ de filosofia, entre outros, por exemplo.

A partir do que esbocei, cabe voltar às indagações iniciais: que concepção(ões) de língua/linguagem as idéias de Benveniste pode(m) auxiliar a construir? O que podem produzir de singular no contexto atual em torno da reflexão sobre língua/linguagem?

De certa forma, já encaminhei resposta à primeira questão ao supor uma metafísica da linguagem que, pela propriedade borromeana, estaria ligada às demais faces do sistema de pensamento. Porém, é em relação à segunda questão que, acredito, é possível dizer algo de singular e, portanto, fundamental para o programa de pesquisa que este texto institui (cf. nota 3).

Na verdade, cabe indagar: que noção de língua está dispersa na obra de Benveniste que permitiu a esse homem dialogar com tantos e sobre tantas coisas? O fato é que vejo na lingüística de Benveniste uma possibilidade infinda de outra via para os estudos da linguagem. Mas não penso que seja possível dar respostas diretas e conclusivas (a palavra mestra é sempre uma miragem) sobre tal questão. No entanto, sabemos: há respostas. Supõe-se, porém, que elas devam obedecer ao princípio – válido para todas as respostas quando a pergunta é dirigida a um sistema de pensamento – da não-contradição. Em outras palavras, as respostas, mesmo sen-

do parciais, não podem ser contraditórias com o sistema de pensamento que buscam investigar.⁷

É tempo de terminar e o faço ratificando minha posição inicial: gosto de Benveniste porque posso derivar de seu raciocínio questões fundamentais para os meus próprios objetivos. Este texto é exatamente isso: a inscrição de um programa de pesquisa que visa a construir uma reflexão sobre a linguagem. Mas qual linguagem? Aquela que não pode deixar de ser vista na enunciação.

Há algum tempo, quando ministrava aula de epistemologia da lingüística, percebi que sempre me interroguei sobre uma linguagem que é “falada” por um falante que não é ideal. Interessa-me a fala do psicótico, do gago, do afásico etc. Interessa-me a escrita desses e de tantos outros que recusaram o lugar ideal de enunciar. Enfim, interessa-me a enunciação daqueles que falam sem que os lingüistas os escutem.

Por que acho que tudo isso tem relação com Benveniste? Ou ainda: como o sistema teórico que preconizo existir em Benveniste pode me auxiliar a pensar sobre isso? Começemos pelo fim: Benveniste foi o primeiro a tratar a enunciação num quadro formal compatível com o ideal de cientificidade da lingüística. Segundo: a enunciação é de ordem radical, é da instauração de uma efemeridade radical. Eis o que me interessa: a fórmula da efemeridade e, por ela, da singularidade que habita todas as regularidades.

Acredito, realmente, que o campo do singular não despreza a regularidade, mas também não se encerra nela. Há de fato algo a mais sobre ciência aí. Ora, muitas coisas podem mudar de *status* se esse programa se instaura. A enunciação é um conceito geral que só tem sentido para o individual, para cada um. A fórmula é interessante: o geral que serve para o particular e não o geral que serve para o geral.

Para a lingüística que quero fazer, a que se dirige ao “falante não ideal”, ao “anormal”, ao “patológico”, essa fórmula é, no mínimo interessante, pois de nada adianta falar de um sintoma se ele não tem existência para um sujeito. Busco, pois, a partir de agora, uma concepção de língua que é própria a lingüística que quero desenvolver. Mas é sempre de um retorno a Benveniste que falo, porque ele fez muitas “diferenças” falarem entre si. Acho que tudo se resume na célebre fórmula que dá título a uma das seções dos PLG: o homem na língua. Ou seja, Barthes tem mesmo razão:

⁷ Mesmo que não tenha dito muito sobre isso, defendo que há um sistema de pensamento em Benveniste talvez não levado a cabo e talvez não devidamente avaliado sobre suas potencialidades mas ele está lá. Não é dele que Dany-Robert Dufour deriva seu raciocínio sobre o trinitário em *Os mistérios da trindade?*

“Benveniste [...] funda uma lingüística nova, que não existe em nenhum outro lado a não ser na sua obra (e muito menos na de Chomsky): a lingüística da interlocução; a linguagem, e portanto o mundo inteiro, articula-se sobre esta forma: *eu/tu*” (1984, p. 151).

Aos meus olhos, o homem não só está na língua, mas existe na/pela língua, ele se faz na língua. Logo, enunciar, para o homem, é supor o outro, porque enunciar é sempre algo que implica o outro. A enunciação é quase redundante. Se li bem Benveniste, há princípios em sua reflexão que são basilares e que não se alteram no decorrer de seu pensamento, mesmo que metodologicamente sofram mudança. Dentre esses princípios, acho que é possível elencar: (a) a língua é uma estrutura que comporta singularidade (podemos chamar essa singularidade de *subjetividade*, *indicadores de subjetividade*, *dêixis*, *categoria de pessoa*, etc.); (b) disso, conclui-se que a *estrutura* para Benveniste não pode ser vista como uma sobredeterminação social, mas como uma estrutura que somente tem existência no singular; (c) a singularidade é relacional, a referência supõe (co)referência.

Enfim, a lingüística da singularidade, do heterogêneo, que faço pedir inscrição no sistema de pensamento de Benveniste, deverá conter as três faces: será uma epistemologia; produzirá uma interdisciplinaridade; suporá uma metafísica da linguagem. E será uma lingüística da enunciação.

A *enunciação* é um conceito que permite falar de uma topologia da singularidade. Abordar essa singularidade é tocá-la pelo que resiste a estar na repetição, mas que a constitui em cadeia e isso não se faz sem convocar a língua do outro, sem enunciar. A enunciação tem o estatuto da estrutura, com a vantagem de concebê-la topologicamente como um buraco. É aqui que vejo o início do meu trabalho: o de supor uma lingüística que nada mais é do que *um ensaio sobre a singularidade do homem na língua* e, por ele, poder abordar a fala daqueles que a lingüística excluiu para se instituir. Passarei, a partir de hoje, a fazer barulho com o silêncio da lingüística.

Finalmente, gosto de Benveniste porque ele faz parte daquele grupo seletivo de pensadores aos quais sempre se volta, concorda-se com ele, discorda-se dele, ou como bem disse Roland Barthes (1984) “com seus textos (que não são nunca simples artigos), reconhecemos sempre a generosidade de um homem que parece escutar o leitor e emprestar-lhe um pouco da sua inteligência, mesmo nos assuntos mais particulares, mais improváveis. Lemos outros lingüistas (é indispensável), mas gostamos de Benveniste” (p. 152).

Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- . *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1988.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
- SCHÄFFER, Margareth. Interdisciplinaridade: um novo 'paradigma' para a educação e as ciências humanas?. In: SILVA, D. F.; SOUZA, N. G. S. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.